

COMISSÃO DA VERDADE
AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA TRATAR DO CASO DE RONALDO MOUTH
QUEIROZ

PRESIDENTE
DEPUTADO ADRIANO DIOGO – PT

18/07/2013

COMISSÃO DA VERDADE.

BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.

18/07/2013

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva. Quinquagésima audiência pública, 18 de julho de 2013. Instalação da 50ª audiência pública da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva.

Dezoito de julho de 2013, Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Plenário Teotônio Vilela para oitiva de depoimentos sobre o caso Ronaldo Mouth Queiroz. Formação da mesa, aqui à minha direita, João Jerônimo, geólogo e colega de Ronaldo Mouth Queiroz. Job de Jesus Batista, uma turma antes do Queiroz, mas conviveu com ele na escola boa parte do tempo, e Amado Mota, geólogo e companheiro de turma do Ronaldo Mouth Queiroz. Então, passemos a leitura do memorial Ronaldo Monte Queiroz. Com a Vivian, fazer a leitura do memorial do Ronaldo Monte Queiroz.

O SR. RICARDO KOBAYASHI – Bom dia. Meu nome é Ricardo Kobayashi e eu vou fazer a leitura do memorial Ronaldo Mouth Queiroz.

Ronaldo Mouth Queiroz morto em 6 de abril de 1973, nasceu em 18 de dezembro de 1947 em São Paulo, capital.

Era militante da ALN. Ronaldo Mouth Queiroz, filho de Álvaro D'Ávila Queiroz e Elza Mouth Queiroz.

Começou a trabalhar aos 13 anos de idade quando fiscalizava propagandas de rádio para uma empresa.

Ao entrar no curso de geologia da Universidade de São Paulo começou a dar aula em cursinhos pré-vestibulares e, logo depois, passou a dar aula e trabalhar na USP. Dotado de extremo bom humor adotou o pseudônimo de Mc Coes e com ele publicava jornais de humor tanto no colegial como na Universidade, quando suas piadas passaram a ter caráter político. Foi presidente do diretório central dos estudantes da USP durante a gestão de 1970-1971.

Participou de vários comícios relâmpagos em praça pública contra a ditadura, sendo depois obrigado a viver na clandestinidade, quando passou a adotar o pseudônimo Papa.

Estava ligado a ALN desde 1969. Trabalhou para manter a articulação entre diretórios e centros acadêmicos na Universidade, preparando publicações, organizando campanhas, apresentações artísticas e recepção dos calouros. Ronaldo, mais conhecido como Queiroz, era responsável pelo trabalho da ALN no movimento estudantil.

Dados sobre sua morte: Queiroz foi fuzilado em 6 de abril de 1973, na avenida Angélica em São Paulo, por agentes do DOI-CODI de São Paulo. Que não chegaram a dar-lhe voz de prisão baleando-lhe a queima roupa assim que o reconheceram. A versão publicada no “Jornal do Brasil” no dia seguinte foi de que Queiroz tinha resistido à prisão, sendo morto em consequência de um tiroteio.

A necropsia feita por Isaac Abramovitch e Orlando Brandão no IML de São Paulo em 11 de abril de 1973, confirmou a versão oficial de morte em tiroteio.

O cadáver deu entrada no necrotério às 8h em 6 de abril de 1973, mas a requisição do IML de São Paulo, registrou que o óbito ocorreu às 7h45, prazo impossível para se fazer o translado do cadáver.

O laudo necroscópico descreveu duas lesões provocadas por arma de fogo. Uma “na face anterior do hemotórax esquerdo seis centímetros abaixo um centímetro para dentro do mamilo esquerdo o projétil transfixou”. A outra lesão ocorreu “um centímetro abaixo da mucosa do lado anterior e o projétil alojou-se na massa encefálica do hemisfério direito”.

O ofício do 2º Exército é encaminhado ao diretor do Dops de São Paulo em 26 de abril de 1973, informou que Queiroz: “No dia 26 de abril de 1973 às 7h40

aproximadamente foi localizado na esquina da avenida Angélica e, ao ser dada a voz de prisão, o mesmo sacou de um revólver calibre 38 e reagiu a tiros, sendo então cerrado o travado tiroteio, vindo a falecer em virtude dos ferimentos recebidos”.

O caso na Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos foi instruído com relatório das circunstâncias da morte preparado pela Comissão de Familiares dos Mortos e Desaparecidos Políticos, acompanhado de diversos documentos, recortes de notícia do “Jornal do Brasil” sobre o tiroteio de 7 de abril de 1973, guias do necrotério, reportagens da revista “Veja” publicadas em 20 de março e 18 de novembro de 1992.

A revista “Veja” de 20 de maio de 1992, em artigo de Expedito Filho intitulado “Anatomia da Sombra”, divulgou reportagem baseada em entrevista com o ex-agente do DOI-CODI de São Paulo Marival Chaves do Canto na qual revelou a ação de ex-militantes que prestaram serviços aos órgãos da repressão política durante a ditadura como agentes infiltrados denominados “cachorros”.

Entre eles estariam o ex-militante da ALN o médico João Henrique Ferreira de Carvalho, conhecido como Jota, que atuou como agente infiltrado desde 1972, e cuja ação possibilitou a eliminação de pelo menos 11 pessoas, entre eles vários diligentes da organização, a partir de 1973.

Nessa edição da revista “Veja” há uma referência direta a morte de Queiroz em março de 1973, por exemplo, três integrantes da organização foram fuzilados no bairro da Penha, São Paulo, um deles fora contatado por Jota dias antes e, a partir de então, uma equipe do DOI não perdeu seu rastro. O mesmo aconteceu com o estudante Ronaldo Mouth Queiroz conhecido como “Papa” na ALN, morto a tiros de metralhadora em um ponto de ônibus da Avenida Angélica.

Primeiro, investi junto a um agrupamento da organização na Faculdade de Geologia da faculdade de São Paulo onde estudava Alexandre Vannucchi Leme, preso e morto em março de 1973. Na mesma escola estudava Queiroz, que antes de ser assassinado, lhe abriu as portas da ALN em outra faculdade, a de Medicina da USP. Em uma ocasião sempre disfarçado de militante, Jair, o agente Jota procurou um estudante da faculdade de Medicina, o Romeu, que lhe fora apresentado por Queiroz. O relator do caso, Luís Francisco Carvalho Filho, procurou por telefone o médico João Henrique Ferreira de Carvalho, o Jota, que se recusou a depor e desmentiu informação.

O relator ainda juntou aos autos reportagem dos jornais “Folha de São Paulo”, “Folha da Tarde” e o “Estado de São Paulo”, de 7 de abril de 1973. Além disso, Luís Francisco Carvalho Filho localizou uma testemunha do assassinato, o ex-militante da ALN, Enzo Luís Nico Júnior, na época estudante de geologia da USP, anos depois se encontrou com o amigo e conversando, chegaram à conclusão de que ele havia testemunhado o assassinato de Queiroz. Tratava-se de Paulo Antônio Guerra, também ex-aluno de geologia.

Paulo estava no ponto de ônibus onde ocorreu a morte de Queiroz, e viu quando, por volta das 7h30, três homens desceram de uma perua Veraneio C14, um japonês, um homem branco forte, e outro de barba e jaqueta de nylon azul, e dispararam contra um rapaz cabeludo e barbudo, que estava encostado na parede.

O primeiro tiro o derrubou o segundo foi disparado quando estava caído. Ele viu quando o mesmo homem que disparou os dois tiros, colocou uma arma nas mãos do jovem morto, e outra em sua cintura, além de uma agenda verde no bolso da camisa.

Diante de protestos dos populares, um homem que reclamava foi preso e levado na viatura.

Na época, Paulo não reconheceu seu colega Queiroz, porque ele estava diferente, cabeludo e barbudo. Tempos depois, Enzo contou essa história ao relator Luís Francisco Carvalho Filho que, imediatamente, recolheu o depoimento de Paulo, anexando-o aos autos.

O parecer do relator da Comissão de mortos e Desaparecidos Políticos, ressaltou que esse era mais um caso em q a versão oficial afirmava a ocorrência de “cerrado tiroteio”, e afirmou “o que se espera do agente do poder público envolvido em ocorrência de morte, é a demonstração da legitimidade de seu ato. Ou seja, o agente deve demonstrar que agiu em legítima defesa, ou no estrito cumprimento do dever legal”. No entanto, durante a repressão política, não prevaleceu a exigência desta formalidade. Bastava o registro de “cerrado tiroteio com terroristas”, para desobrigá-lo de qualquer explicação e impedir a investigação.

De acordo com o relatório de autoridade militar dirigido ao diretor do Dops de São Paulo, os agentes teriam apreendido duas armas de fogo, uma em seu poder e outra no aparelho localizado nas imediações do local do tiroteio. Não há referência alguma

sobre o exame pericial das armas e nem sobre a perícia no local. Também não foi encontrada a foto do cadáver cuja requisição é automática nesses casos. O fato é que não se sabe quantos e quais foram os agentes envolvidos no tiroteio. Não se sabe quantos tiros Ronaldo Mouth Queiroz deferiu, e se provocou danos. As mãos da vítima não foram examinadas. O relator concluiu de que não há prova sólida e convincente de que a ação é verdadeira, por outro lado sempre existiu a prova falsa. Pelos registros oficiais, o estudante deu entrada o necrotério apenas 15 minutos depois de ser atingido. A requisição do exame foi preenchida com o seu nome verdadeiro embora a imprensa tivesse informado que ele usava nome falso como Ghandi Ferreira da Silva.

E a testemunha localizada 23 anos depois disse ter presenciado no mesmo local o assassinato de um homem, no mesmo local e data, depois associado a Ronaldo. Segundo o relator, no balanço das evidências contidas nos autos, prevalece o sentimento de que Ronaldo foi executado. Não há prova do suposto cerrado tiroteio. O depoimento da testemunha é convincente e harmoniza-se com a versão da requerente. O fato de a morte ter ocorrido em via pública não impede o reconhecimento legal. O dever dos agentes de segurança é deter o infrator e não executá-lo friamente. Poderiam prendê-lo, mas não o fizeram.

Na Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos, o caso 330/96 foi aprovado por cinco votos a favor e dois, contra, o de Paulo Gustavo Gonet Branco e o de general Oswaldo Pereira Gomes, em 10 de abril de 1997. Em sua homenagem a cidade de Belo Horizonte deu o seu nome a uma rua no bairro do Tirol.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – No outro memorial não aparece o relatório do Cláudio Guerra, não?

A SRA. VIVIAN MENDES – Bom dia a todos e todas. Sou Vivian Mendes, assessora da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva, e vou ler um material preparado pelo companheiro do Queiroz, o Lobão.

Primeiro tem uma foto do Queiroz na Igreja Bom Jesus de Pirapora, em Salto de Pirapora, São Paulo, em um trabalho de campo da geologia, em julho de 1970.

“Ronaldo Mouth Queiroz, estudante de geologia da Universidade de São Paulo USP, presidente do Diretório Nacional dos Estudantes, DCE Livre, naquela Universidade na gestão de 1970 a 1971, foi assassinado em 6 de abril de 1973, na Avenida Angélica, em São Paulo, por agentes do DOI-CODI de São Paulo, que não chegaram a lhe dar voz de prisão, baleando-o à queima-roupa, assim que o reconheceram naquela via pública.

Era membro da Ação Libertadora Nacional ALN.

Esses dados foram extraídos do livro “Presos políticos brasileiros: acerca da repressão fascista no Brasil”, publicado pelo Comitê Pró-Anistia Geral dos Presos Políticos no Brasil, edição Maria da Fonte, Portugal, em março de 1976.

Segundo o sociólogo Paulo Antônio Guerra, três homens desceram de uma perua Veraneio, um japonês, um de aparência forte, outro de barba, vestindo jaqueta azul e de arma na mão. Um deles disse: “É esse, é esse”. O de jaqueta azul, friamente disparou um tiro no Ronaldo, que caiu, mas o assassino disparou outro tiro de cima para baixo.

A necropsia de Ronaldo Mouth Queiroz no Instituto Médico Legal de São Paulo, em 11 de abril de 1973, foi feita pelos Drs. Isaac Abramovitch e Orlando Brandão, que registraram “morte em tiroteio”.

Sobre as perseguições aos professores da USP em 1970, extraídos de inúmeros cadernos de anotações do Ronaldo.

“Agora perguntamos nós.”

A SRA. – (ininteligível)

A SRA. VIVIAN MENDES – Agora vou ler uma citação do Queiroz no seu caderno de anotação.

“Agora perguntamos nós, essa sensação de idealismo me deixa tão envergonhado. Sim, perguntamos nós, onde a defesa dos valores morais onde os professores mais progressistas são expulsos ou presos? Quem denuncia a prisão de Ernst Wolfgang Hamburger, da Física, Sérgio Ferro, da FAU, Eder Sader, das Ciências

Sociais, Flavio Império da FAU, e outros, durante o ano de 1970? Nossos colegas também estão sendo presos arbitrariamente dentro da Universidade. Qual o professor que se incomodou em verificar a atuação dos universitários presos? Quem aqui se incomodou com o fechamento do CRUSP desde 1968? E, no entanto lá residia um terço dos alunos da Geologia. As ameaças de cobrança de anuidades para a USP ainda persistem. Qual o professor que tocou no assunto? A moral que nos apresenta se esconde no Decreto 477, e na Lei de Segurança Nacional. Estas são as armas de indivíduos que em tempos mais liberais, ocultavam-se atrás da demagogia e do paternalismo”.

Agora algumas manchetes e notícias de periódicos do futuro imaginadas por Queiroz. Essas informações foram extraídas também dos seus cadernos de anotação.

“Mil novecentos e setenta e cinco, do ‘Depois de Amanhã’:

Estudantes contra internacionalização do sul e de Minas Gerais.

Mil novecentos e setenta e oito, do ‘Próxima Semana’:

Militarização do ensino. Continuando o processo de militarização de ensino brasileiro, o general Cheira Ratos avança agora contra o último reduto civilista em nosso panorama educacional, a Escola de Cadetes de Agulhas Negras. Os seus alunos em sinal de protesto entraram em greve não assistindo hoje às aulas de tiro de guerra.

Mil novecentos e oitenta e quatro, da ‘Fetos e Fritos’:

Protesto contra capital estrangeiro. Estudantes de Belém foram às ruas para protestar contra a permissão dada pelo governo à uma firma de capital estrangeiro para fabricar na Amazônia pílulas anticoncepcionais. Denunciaram a falta de base legal dessa concessão pois, segundo a Constituição de 1983, os processos de limitação de natalidade são de alçada da Abortobrás.

Mil novecentos e noventa e seis, do ‘Jornaus’ Brasil:

Bomba H não será usada. O Governo brasileiro confirmou que não cogita usar arma contra a USP e os estudantes de Filosofia que em um ataque de surpresa tomaram a cidade universitária. O prédio da Reitoria está totalmente sitiado devido à destruição

do heliporto. Os batalhões da FP, requisitados pelo Reitor Adicon Neto, ainda não conseguiram atingir o prédio.

Dois mil, do 'Jornal de Marte':

Polícia usa laser para desalojar os estudantes do Bloco ZC5."

Algumas frases selecionadas também extraídas de inúmeros cadernos de anotação do Queiroz:

"Seu geólogo, será que esse negócio preto é petróleo? Não se incomode que eu já verifico, tem fósforo aí?"

"Milicianos armados de metralhadoras e bombas de gás lacrimogêneo intervieram na cidade universitária para aprisionar um fogão subversivo que estava aquecendo os ânimos."

"Reitor Grama e Silva: 'governar é abrir estradas e derrubar escolas'."

"Viu só? Até os policiais estavam chorando no enterro do Edson Luiz. Foi o vento forte que mudou de direção depois de eles jogarem as bombas de gás."

"O capitão falou que a gente pode jogar fogo nesses pichadores mentirosos que ficam escrevendo 'Abaixo a ditadura assassina'."

"Era um geólogo tão esforçado, mas tão esforçado que aprendeu até psicologia para poder estudar melhor o complexo cristalino brasileiro."

"Canção do geólogo apaixonado: 'Eu te darei a Shell meu bem, e a Petrobras também'."

"Tão intelectual, mas tão intelectual que não suportava geologia por considerá-la um estudo muito chão".

"Atenção turma, atenção. Vocês vão decidir algo importante em minha vida. Vocês acham que eu devo continuar como humorista ou é melhor desistir e candidatar-me a vereador? Já ganhou. Já ganhou. Já ganhou."

Observação: o material original desse texto foi extraído de inúmeros cadernos de anotações do Ronaldo que foram preservados e editados por Sidnei Mouth Queiroz, seu único irmão e recentemente falecido.

Aí vem algumas imagens, aí uma foto em Itu, São Paulo, na pedreira de extração de varvito, no segundo semestre de 1977, um trabalho no campo na primeira semana de estudos geológicos do estado de São Paulo, SEGEP. Não está pegando?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Queiroz é o último à direita. É o de camisa escura.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pega sim, dá o foco.

A SRA. VIVIAN MENDES – Não reflete na TV, gente, mas ele é o último da direita.

A SRA. VIVIAN MENDES – Ainda falta o de baixo. Sobe um pouquinho, por favor. Aí, a igreja Bom Jesus de Matosinho em Congonhas, Minas Gerais, em 1970. O Queiroz é o 2º, da segunda fila sentada, de baixo para cima, e está com chapéu. Essa foto é do acervo do geólogo João Jerônimo.

Nessa foto, o Queiroz é o 5º da fila em pé, aparece só o rosto dele, no trabalho de campo da geologia, provavelmente na mina de ouro de Morro Velho, em Minas Gerais, 1970 provavelmente, o acervo também é do geólogo João Jerônimo.

O SR. – (ininteligível)

A SRA. VIVIAN MENDES – É com certeza? Então é “com certeza, não é “provavelmente”.

Aí, é uma imagem da requisição ao IML com o cadáver do Queiroz. O responsável pelo Dops se identifica apenas como Romeu. E tem o T de terrorista, como a gente pode ver.

Essa última foto é do Sidnei Mouth Queiroz, irmão, ao lado do ipê plantado na USP pelos alunos de geologia, e a placa registrando o evento no começo de 2003.

É isso.

O SR. RICARDO KOBAYASHI – Só complementando informação, no livro de Cláudio Guerra, “Memórias de uma guerra suja”, ele descreve quem teria participado do assassinato do Ronaldo. Segundo o livro, em abril de 1973, o sargento Jair, o tenente da Polícia Militar...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Lê um pouco mais...

O SR. RICARDO KOBAYASHI – Devagar.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Devagar, e mais direcionado porque senão não grava.

O SR. RICARDO KOBAYASHI – “Em abril de 1973 o sargento Jair, o tenente da Polícia Militar Paulo Jorge, PJ ‘Fininho’, o policial civil Ademar Augusto de Oliveira da equipe de Sérgio Fleury e Cláudio Guerra mataram Ronaldo Mouth Queiroz da ALN.

No mesmo mês, o Freddie Perdigão convocou o Cláudio Guerra, para simular que o Merival de Araújo, da ALN, teria sido morto em uma troca de tiros com as forças do Governo.

A SRA. – (ininteligível)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Recuperou a foto do João Jerônimo? Achou?

João, depois você identifica nas fotos que você mandar, (ininteligível – fora do microfone) a sequência.

Bom, então vamos começar a tomar os depoimentos dos companheiros que estão aqui na mesa.

O primeiro depoimento vai ser do companheiro geólogo, presidente da Associação Brasileira de Geologia, atualmente, geologia e engenharia e geologia ambiental, João Jerônimo Monticelli. Então, com a palavra João Jerônimo.

O SR. JOAO JERÔNIMO MONTICELLI – Bom dia a todos. Agradeço a oportunidade de estar aqui presente. E vou falar algumas coisas inicialmente, deixar a palavra para os meus colegas que estão aqui, colegas de turma, o Job e o Amado, e não sei se o Lobão também quer falar.

Nós todos fomos colegas de escola e, na Geologia, sempre teve uma... acho que desde 1964, não sei se muito antes, uma forte participação política no movimento estudantil e eu acho que eu gostaria de rememorar alguma coisa para mostrar que o Queiroz era um estudante como nós que estamos aqui.

Quis o destino que, em certo momento da sua vida, em função de certas angústias políticas que afetava todos nós, ele desse um passo maior em direção à política na época da ditadura. E se fosse uma época de democracia muito provavelmente as coisas teriam acontecido muito diferentes.

Então, eu fui morador do CRUSP na época junto com o colega Job, em 1968, temos toda uma história dessa época muito importante para o país e tudo, e nessa época

nós, em 1968 a 1971, quando nós estivemos na escola, foi uma época sempre entre estudar e fazer certas atividades políticas.

Eu tive o privilégio como vocês podem ver nessa foto, de o Queiroz sempre escolher ou participar de grupos de trabalho em que eu estava presente, então, em trabalho de campo para ter ideia, foram 15 ou 20 dias em que esse grupo com o professor, são cinco estudantes e um professor, nós ficávamos fazendo mapeamento geológico nessa região próximo de Sorocaba, então você imagina o que é um convívio de pessoas durante 15, 20 dias junto.

Acho que a gente tinha folga no sábado ou no domingo, ou só domingo que o Amado ia jogar baralho, gostava muito de jogar baralho. Nunca me esqueci dessa época dos jogos nossos de baralho.

E o Queiroz então, e vocês estão vendo nossas fotos, participou dos nossos trabalhos de campo, de toda a vida estudantil.

Isso que me marcou muito. Marcou muito quando eu recebi, eu já estava em Ilha Solteira, trabalhando, quando eu recebi a triste notícia que ele tinha sido morto.

Então, o meu depoimento, assim, é que ele era mais um estudante. Era um estudante que, nessa angústia de lutar contra a ditadura, acabou entrando no movimento armado, pode-se dizer, contra a ditadura, porque ele via que era a única saída, e a sua angústia era muito mais intensa do que as outras nossas que estamos aqui hoje.

Queiroz gostava da Geologia como nós gostamos, um curso maravilhoso. Aqui está o deputado Adriano Diogo que pode confirmar isso, é um curso maravilhoso, e que é as pessoas que conviveram nessa época sabem muito bem a dificuldade que teve acho que Adriano, dificuldade que foi mais, foi muito mais para frente, outros colegas que foram citados, inclusive aqui, o Enzo, então... o Queiros, o Alexandre Vannucchi Leme, a vontade de ver a volta do país à democracia.

E mais ainda, eu quando vi agora o depoimento, o pessoal lendo e falando sobre a atuação da polícia, a gente tem que lamentar, porque a polícia nossa continua herdando todos aqueles males da ditadura, até hoje. Então, parece que as coisas passaram, mas estão embaixo do tapete muita coisa escondida. Então, eu acho, Adriano, deputado e colega, que nós estamos iniciando um trabalho em prol de uma polícia e de

um sistema de segurança que tem que ser mudado e tem que voltar a ter um sistema mais democrático.

Eu queria dizer que eu lembrei aí, o Queiroz foi presidente do DCE em 1970, 1971 em uma época muito difícil.

Eu me lembro bem que eu me envolvi com o DCE, fui candidato a um Conselho Universitário na época, que foi um arranjo político que o DCE fez e que o Queiroz liderou naquela época. E eu me lembro muito bem à dificuldade tinha de se fazer reuniões organizadas por estudantes. E a dificuldade era tão grande, o medo era tão grande de se fazer qualquer assembleia, reunião, e nós conseguimos fazer uma reunião, estava conversando com a Amelinha, que foi na FAU, trazer um trio de câmara de música clássica de Capivari, que se apresentou e que foi promovido pelo DCE. Tinha muita gente no auditório, mas aí o pessoal da FAU falou “Pode ter certeza que metade são policiais que estão aqui investigando”.

Depois nós passamos por outro processo também de discussão na época do DCE quando teve o jogo Brasil X Uruguai na época de 1970, e ficamos naquela angústia que o movimento estudantil, toda a Esquerda passou, torce para o Brasil, não torce para o Brasil, e nós resolvemos, eu quero contar isso daqui, porque eu fiquei encarregado de montar na Geografia aparelhos de TV para assistir o jogo. E fizemos alguns cartazes que iam ter 20 aparelhos de TV. Apareceu uma quantidade de estudantes espantosa para assistir, nós tínhamos dois aparelhos de TV só montados, e foi um evento muito importante, eu me lembro que a gente conversou depois, que era o seguinte, nós estávamos fazendo um grande desafio, vocês não imaginam o que era a ditadura.

O desafio era fazer o evento organizado e para os estudantes. Organizado pelos estudantes e para os estudantes era um desafio dentro da USP, enorme. E a gente fez uma análise, eu me lembro do Queiroz conversando comigo sobre isso, como a gente poderia evoluir mais politicamente em outros eventos assim para frente.

Eu queria deixar aqui, então, só registrado isso, eu me lembro bem, nós estamos aqui três colegas do Adriano na época, três colegas, eu acho que o Amado também morou no CRUSP, eu me lembro do Lobão falando de a gente ir para o CRUSP para morar.

O que significou o CRUSP, que era o Conjunto Residencial da USP para nós, que eram alunos que viemos do interior e viemos morar em São Paulo.

A Geologia, eu comecei o curso em 1968 e morava em São Caetano do Sul na casa de uma tia. Eu tinha que pegar o trem até a Glete, que a Geologia era na Glete perto dos Campos Elíseos, e quando a Geologia, em 1968, mudou para a Cidade Universitária, eu tinha que sair de São Caetano do Sul, até a Cidade Universitária. Trem, depois ônibus.

Quando eu fui morar no CRUSP aquilo foi um alento.

Primeiro nós fomos morar... invadimos... Eu fui primeiro morar no bloco B, eu nunca me esqueço. E tem um outro fato interessante para contar, que fica para a segunda etapa. E depois nós fomos para o G. eu e o Job moramos juntos, com os outros colegas e no final de 1968, em dezembro eu acho que dia 13, uma coisa assim, nós fomos invadidos, eu me lembro que vi o Queiroz fora do CRUSP, tenho a visão dele ainda, ele acompanhando o ônibus de fora, nós fomos detidos e ficamos um dia, 24 horas antes de ser detidos, e ali nós perdemos a oportunidade de ter uma residência estudantil.

Eu trabalhava, dava aula como o Job e o Amado para se sustentar, e aquilo foi um baque nosso nas finanças violento. Todo mundo foi para um canto, e nunca mais voltamos a morar no CRUSP, no conjunto residencial que ainda hoje, funciona precariamente. Tinham outras coisas para depor, deputado e colega, mas eu deixo para depois falar. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Job.

O SR. JOB DE JESUS BATISTA – Bom, não havia preparado nenhum material para fazer apresentação, mas só queria dar um depoimento rápido da convivência nossa com o Queiroz, que apesar de o Queiroz ter entrado um ano antes,

depois ele quase que assumiu a nossa turma, e estava fazendo o resto do curso junto com a gente. Então, ele estava mais identificado com a nossa turma do que com a turma do curso anterior.

E eram pelos depoimentos e pelas exposições, o Queiroz era um colega espetacular, a par de sua militância política, ele gostava muito de geologia, participava das excursões, das aulas.

Eu me lembro muito bem que ele... Ele era da turma do fundo nas discussões, nos ônibus, e particularmente ele gostava muito da música popular, beirando o brega, e ele particularmente vibrava quando se cantava essas músicas, do tempo do Nelson Gonçalves, etc.

Além disso, além do bom humor dele, né.... E eu fiz até um recurso contra o Instituto de Geociências da USP, porque eles queriam me obrigar a fazer uma disciplina optativa que era Sedimentologia, e aí eu tinha terminado todas as disciplinas, e eles queriam me obrigar a fazer essa também, eu achava que não queria fazer e entrei com recurso. E o Queiroz até foi comigo na época. Falou: “Ô, Job, eu redigi o recurso e a gente vai levar lá para o pessoal do 11 de Agosto aqui no Largo São Francisco para eles darem uma analisada, ver se está tudo ok”, e aí veio comigo no Fusquinha que eu tinha na época. Nós viemos aqui para o 11 de Agosto junto com o pessoal do centro acadêmico, para dar uma melhorada no recurso, e depois felizmente o recurso teve uma decisão favorável. Eu estava querendo fazer a disciplina e o pessoal da USP não dava um jeito. E aí com esse recurso a decisão do jurídico da UAP foi: “Não, você pode se formar sem fazer a disciplina”, e que foi até melhor do que eu estava prevendo. E isso com a ajuda do Queiroz.

Eu lembro muito bem que nessa época a gente veio para o 11 de Agosto aqui, e o Queiroz aproveitou e levou um material para divulgação lá na USP, e no meio do caminho a polícia estava fazendo uma blitz e revistando todo mundo, aí ele saiu do carro, pegou o material e saiu. Se a gente fosse pega naquele dia também nós dois estaríamos em situação já bem delicada. Mas aí ele saiu, eles revistaram e não tinha mais nada, aí fui embora para a cidade universitária e depois ele foi de ônibus e a gente acabou se perdendo.

Mas o Queiroz gostava muito da Geologia, e se identificava bastante até com os velhos guerreiros. Ele não era da mesma turma de Geologia, tinha muito bom humor, era muito prestativo. Quando alguém precisava ele não negava esforços para tentar resolver. Como eu falei, meu depoimento é bem rápido, e está registrado na Comissão da Verdade. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Amado Mota, companheiro de classe do Queiroz.

O SR. AMAURY AMADO MOTA – Igualmente ao Job eu também não preparei nada. Não pensei que viria para a Mesa, mas foi o que o Jerônimo falou, era um companheiro prestativo, era um estudante e um companheiro prestativo para todas as ocasiões.

Era meu companheiro de Química. Química era a onça na Geologia, e sempre deixava para, deixava reprovado. E nós dois ficamos e conseguimos passar depois de muito rachar. Éramos.... Quase todo dia era química na cachola.

E... infelizmente perdemos o companheiro muito cedo. E infelizmente foi uma época que só temos a lamentar. (Muito emocionado).

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – João, volta. O João Jerônimo Monticelli vai voltar a falar

O SR. JOÃO JERÔNIMO MOTICELLI – Eu, durante a minha fala eu lembrei de um assunto que eu acho que é interessante para saber assim... O que era a repressão e como estava se desenvolvendo as coisas, acho que depois de 1970, que as coisas ficaram muito complicadas mesmo.

Eu morava em uma república, na Vital Brasil com a Rua Camargo no Butantã, onde hoje é a padaria Estrela, em cima da padaria Estrela. Era uma república só de

estudantes de Geologia. Ela durou mais de 30 anos a república ali. Eu acho que agora que não tem mais, mas durou mais de 30 anos. A célebre “Coça-Saco”. E essa república, nós, no ano de 1970, 1971, nós começamos a abrigar, a noite, o pessoal que já estava na clandestinidade, dentre eles o Queiroz. Então, eu me lembro bem, o pessoal dormia uma noite. E ali nós tivemos oportunidade, eu não vou citar nomes, de vários colegas, alguns que inclusive depois foram mortos. Não só o Queiroz, que passaram por lá.

O Queiroz passou lá, dormiu uma noite... Fez contato comigo e foi dormir lá uma noite. E uma semana ou algumas semanas depois, ou alguns dias depois, a memória, eu já não me lembro mais, eu estava chegando junto com outro colega, abrimos a porta, subimos a escada, quando terminamos de abrir a porta, vários policiais de metralhadoras, fuzis, empurraram eu e esse outro colega para dentro do apartamento, tomamos uns sopapos, uns pés no ouvido, e eles já vieram com a fotografia do Queiroz e de outra pessoa para perguntar se o Queiroz estava lá, e se nós estávamos dando abrigo. E entre pés no ouvido disseram, “Se vocês estiverem dando abrigo...”. E eu falei: “Não está, pode revistar”. E já revistaram naquele célere sistema, a porta aberta, já dando sapatada, “Se vocês estiverem com ele assim vocês vão também responder à gente”.

E nós ficamos assustados, imaginem o susto que você leva em uma coisa dessas, e lembrar o seguinte, nós éramos jovens de 22, 23 anos, o Queiroz morreu com 25 anos. Vô o que que é isso, hoje... os nossos filhos... vê o que que é... Que terror, que... E a gente inclusive não sabia avaliar o momento político. Nós sabíamos pouco, nós confiávamos nos mais velhos que também não souberam avaliar muito bem esse momento, mas enfim, era o brio da juventude, e o que eu queria comentar era isso. Olha, depois que nós... Eles saíram da república e nós já vimos àquela série de Veraneios, e todo mundo ficava apavorado quando vinham as Veraneios.

Nós já sabíamos nessa rua fatídica aqui, nós já sabíamos... nessa rua aqui fatídica, nós sabíamos de todas essas histórias onde que eram torturados, onde foram mais tarde torturados alguns outros colegas, e depois o apavoramento.

Então, não é estranho a gente saber como o Queiroz foi fuzilado. Eles tratavam todo mundo, invadiam todo mundo na cacetada, na cacetada, na porrada e continuaram

fazendo isso por muito tempo. Sei que depois a nossa república ficou em observação muito, muito tempo.

Sei que depois foram procurados pelo Foro de Capivari para dizerem, “Olha, veio sua ficha para cá, mas nós respondemos que você é de boa família”. Sabe? “Sua ficha está aqui conosco e veio um pessoal aqui investigar”. Investigar o quê? Investigar coisinhas que hoje são completamente insignificantes dentro de uma democracia.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Bom, alguém gostaria de fazer alguma intervenção? Pergunta? Complementar algum depoimento?

Eu não tenho por hábito intervir nesses depoimentos, mas eu vou falar algumas coisas.

O Queiroz foi o companheiro lá da zona leste, sua família morava na rua... na Vila Matilde, próximo a Igreja dos Olivetanos. A Amelinha Teles e depois do Paulo Guerra, colega da Geologia ter testemunhado a pedido do colega Enzo Nico Junior, ajudou a instalar o processo do Queiroz na Comissão de Mortos e Desaparecidos para a família. O Sidnei Mouth Queiroz era vivo, a mãe do Queiroz era viva, e foi muito importante o trabalho que a Amelinha, o Enzo e o Paulo Guerra fizeram. E o Lobão compilou esses documentos, sintetizados pelo Sidnei Mouth Queiroz já falecido.

O Queiroz, eu entrei na Geologia em 1969 na Glete, o trote, a recepção aos calouros foi lá na Glete. O Queiroz, o Lobão ainda estava solto, né Lobão? O Lobão estava na escola, o Queiroz também, e em seguida, o trote foi na Glete, mas... na antiga Faculdade de Geologia, na Alameda Glete, mas depois o primeiro ano já foi no Campus da Cidade Universitária, onde eu conheci todos esses companheiros aqui. João Jerônimo, Amado, Job, Frazão, e depois veio à nova geração do Alberto Alonso Lázaro, Alexandre Vannucchi, e outros tantos.

O Queiroz, quando aparece aí no currículo do DCE em 1969, 1970, todos praticamente centros acadêmicos estavam fechados. O Queiroz, com outros

companheiros, e com aquela força e aquela persistência dele, fez a reorganização de todos os centros acadêmicos, todos, todos, todos, todos, constituiu uma direção provisória ao DCE, e começou um trabalho, tanto é que ele foi presidente no início da construção, mas presidente era um nome honorífico, na verdade era Colegiado enquanto ele esteve vivo, enquanto teve condições, mesmo quando ele foi para a clandestinidade, ele não abandonou a organização do trabalho estudantil, ele fez a organização dos centros acadêmicos, mesmo aqueles que estavam fora do campus. Medicina, o contato com a GV, com todas as unidades dentro e fora do campus. E o Queiroz pela sua (ininteligível) popular, como morador da Vila Matilde, lá da Chácara dos Olivetanos, ele tinha todo o contato com vários segmentos populares.

Ele rodava o material, por exemplo, em São Mateus, ele tinha uma organização muito grande da Igreja católica, ligada à teologia da libertação na organização da Igreja da Resistência na zona leste. Fazia relação com os sindicatos, foi um grande quadro político, um grande quadro político. Quando a Oban, vocês estavam na escola quando a Oban cercou a escola e o Enzo e o Queiroz com a ajuda dos companheiros lá, eles estavam na biblioteca quando a Oban chegou, e o pessoal conseguiu alguns aventais, eles fugiram, aí a Oban cercou a Geologia, e o Queiroz e o Enzo foram embora definitivamente da escola. Lobão já estava preso.

Então, eu acho que tanta coisa. O Alberto está aqui e eu não sei se ele vai ter condições de depor. O Alberto foi um grande companheiro, amigo do Queiroz, morou uns dias com o Queiroz, antes de sua morte. Então, eu acho que o Queiroz, talvez a gente não esteja fazendo uma audiência à altura do que foi a participação política do Queiroz.

Eu acho que o Queiroz ainda não foi conhecido pela Comissão Internacional de Anistia, por exemplo, ainda mais que ele não tem familiares vivos, os colegas dele, eu acho que nós devíamos nos organizar juridicamente, pelo menos, para que houvesse uma reparação política, porque como não tem família, não tem reivindicação, então nós é que temos que nos organizar e essa reparação política do Estado brasileiro, perante uma pessoa tão importante queria uma contribuição.

Agora surgiu essa versão do Cláudio Guerra. O Ivan Seixas esteve mais próximo dos jornalistas e do Cláudio Guerra, e o Cláudio Guerra anda até aqui em São Paulo, me

disse o vereador Gilberto Natalini, tentando levantar gente que queira depor como o Queiroz e os outros companheiros foram executados aqui.

Então, era mais ou menos isso que eu queria falar de um companheiro tão importante (ininteligível).

Eu só não acho que a gente pode ficar fazendo essa ressalva que eu acho um problema que diz o seguinte, o Queiroz era um estudante de Geologia como todos os outros, e ele por conta das circunstâncias da época e tal, ele foi para a luta armada.

O Queiroz nunca teve nenhuma dúvida do que ele queria na vida, do que ele... era uma pessoa que era um grande quadro político, mas ele tinha uma grande compreensão do momento político que ele vivia, inclusive dessa questão da luta armada.

Queria lembrar... Todas as pessoas de todas as faculdades que hoje são profissionais, o Belisário dos Santos Júnior, Luiz Eduardo Greenhalgh era da Faculdade de Direito, pessoal da Medicina, todo mundo sempre se refere ao Queiroz com muito respeito.

Era mais ou menos isso.

O Queiroz morou muito tempo na minha casa. Eu era casado, morava na Mooca, recém-casado, e o Queiroz passava semanas e semanas na minha casa na Mooca, nós morávamos praticamente juntos, ele ficou muito tempo morando na minha casa.

Tínhamos relação de irmãos. No fim da vida que ele alugou um pequeno quarto lá na Avenida Angélica, que o Alberto Alonso Lázaro chegou a morar com ele nos últimos dias antes de ele ser executado.

Ele deu uma enorme contribuição, embora a morte do Alexandre tenha sido antes da dele e o nome do DCE tenha recebido o nome do Alexandre, o Queiroz, eu não tenho dúvida nenhuma em dizer que ele foi um grande organizador da resistência, principalmente depois do período de fechamento do CRUSP, depois do fechamento dos centros acadêmicos. Tinha uma capacidade de organização cultural absurda.

Além do texto que ele escrevia, dos poemas, dos fanzines, uma contribuição histórica. E o teatro, o grupo de teatro da Medicina que era coordenado pelo Gelson

Reicher, pela Lídia Guerlenda, todo o pessoal do GTM, com todas... com o pessoal da FAU que era um pessoal de uma erudição muito grande... Enfim, a geração pós-1968, depois da do Congresso da UNE em Ibiúna, o Queiroz foi o grande organizador dessa resistência.

O Lobão fez a transição enquanto estava solto e o Queiroz herdou, com o apoio de vocês todos, Frazão, João Jerônimo, Mané, Amado, Job, e toda aquela geração que nós herdamos. Vocês são os sobreviventes e o Brasil agradece principalmente a coragem que vocês tiveram em vim depor aqui hoje. (Extremamente emocionado)

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. ISRAEL – Oi. Meu nome é Israel, sou de Limeira. Eu queria saber se o Ronaldo teve alguma função específica dentro da ALN. As ações práticas ou alguma coisa ligada no sentido de ação, mesmo. Ele tinha como função fazer tais e tais ações.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Nós temos os dossiês, nós não temos aqui a parte da acusação policial, mas o Queiroz foi membro da ALN sim. Agora, quais as acusações que estão no processo contra ele, isso aí é uma parte que a polícia que levantou e fez as acusações. Nós não temos dados sobre isso. Mas ele era da ALN sim.

Mais algum esclarecimento?

Eu posso te passar, além dos dossiês que nós lemos aqui, podemos dar mais alguns elementos. Você pode também ter o livro do Caio Tulio Costa, o “Cale-se”, que fala bastante do Ronaldo Mouth Queiroz.

Ele desempenhou funções importantes junto à organização da ALN aqui em São Paulo. Segundo o dossiê desde 1969, no movimento estudantil, ele tinha contato com a ALN.

A sessão está encerrada. Obrigado.

* * *